

**CINCO  
SEMANAS EM  
UM BALÃO**



JÚLIO VERNE

CINCO  
SEMANAS EM  
UM BALÃO

Viagem de descobertas na  
África por três ingleses

Tradução  
Frank de Oliveira



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural  
© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês <i>Cinq semaines en ballon</i>	Revisão Karin Gutz Ana Lucia Rizzi Cleusa S. Quadros
Texto Júlio Verne	Produção editorial e projeto gráfico Ciranda Cultural
Tradução Frank de Oliveira	Imagens Mott Jordan/Shutterstock.com; Andrey Burmakin/Shutterstock.com; donatas1205/Shutterstock.com; Brandon Bourdages/Shutterstock.com; jumpingsack/Shutterstock.com;
Preparação Luciene Ribeiro dos Santos	

---

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

---

V531c Verne, Júlio  
Cinco semanas em um balão / Júlio Verne ; traduzido por Frank de  
Oliveira. - Jandira, SP : Principis, 2020.  
288 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Literatura Clássica Mundial)

Tradução de: Cinq semaines en ballon  
Inclui índice.  
ISBN: 978-65-5552-172-6

1. Literatura infantojuvenil. 2. Ficção. I. Oliveira, Frank de.  
II. Título. III. Série.

2020-2412

CDD 028.5  
CDU 82-93

---

**Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410**

#### **Índice para catálogo sistemático:**

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição em 2020

[www.cirandacultural.com.br](http://www.cirandacultural.com.br)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

# SUMÁRIO

Capítulo 1 .....	7
Capítulo 2 .....	14
Capítulo 3 .....	18
Capítulo 4 .....	26
Capítulo 5 .....	31
Capítulo 6 .....	37
Capítulo 7 .....	42
Capítulo 8 .....	47
Capítulo 9 .....	53
Capítulo 10 .....	58
Capítulo 11 .....	63
Capítulo 12 .....	69
Capítulo 13 .....	77
Capítulo 14 .....	83
Capítulo 15 .....	91
Capítulo 16 .....	101
Capítulo 17 .....	109
Capítulo 18 .....	118
Capítulo 19 .....	127
Capítulo 20 .....	133
Capítulo 21 .....	139
Capítulo 22 .....	147
Capítulo 23 .....	155

Capítulo 24 ..... 163  
Capítulo 25 ..... 170  
Capítulo 26 ..... 176  
Capítulo 27 ..... 182  
Capítulo 28 ..... 188  
Capítulo 29 ..... 194  
Capítulo 30 ..... 200  
Capítulo 31 ..... 207  
Capítulo 32 ..... 212  
Capítulo 33 ..... 218  
Capítulo 34 ..... 224  
Capítulo 35 ..... 229  
Capítulo 36 ..... 237  
Capítulo 37 ..... 243  
Capítulo 38 ..... 249  
Capítulo 39 ..... 257  
Capítulo 40 ..... 262  
Capítulo 41 ..... 266  
Capítulo 42 ..... 273  
Capítulo 43 ..... 278  
Capítulo 44 ..... 286



# 1

*O fim de um discurso muito aplaudido – Apresentação do doutor Samuel Fergusson – “Excelsior” – Retrato de corpo inteiro do doutor – Um fatalista convicto – Jantar no Traveller’s Club – Vários brindes para a ocasião*

Era grande a afluência na assembleia da Real Sociedade Geográfica de Londres, praça Waterloo, número 3, no dia 14 de janeiro de 1862. O presidente, *sir* Francis M..., fazia uma importante comunicação a seus ilustres colegas, em um discurso interrompido a todo momento pelos aplausos.

Esse extraordinário rasgo de eloquência finalmente terminou com algumas frases bombásticas, nas quais o patriotismo transbordava em períodos bombásticos.

– A Inglaterra sempre marchou à frente das nações (pois, como já se observou, as nações marcham no mundo inteiro à frente umas das outras) graças à intrepidez de seus viajantes empenhados em descobertas geográficas. (*Concordância geral.*) O doutor Samuel Fergusson, um de nossos gloriosos filhos, não desmentirá sua origem. (*Por toda parte: “Não, não!”*) Este empreendimento, se tiver êxito (“*Vai ter!*”), fará a

conexão, ligando as noções esparsas que temos da cartografia africana (*Aprovação veemente*); se não tiver (“*Nunca, nunca!*”), ao menos irá se imortalizar como uma das mais audaciosas concepções do gênio humano! (*Agitação frenética.*)

– Viva! Viva! – bradou a assembleia, eletrizada por aquelas emocionantes palavras.

– Viva o intrépido Fergusson! – exclamou um dos membros mais expansivos do auditório.

Gritos de entusiasmo ressoaram. O nome de Fergusson vibrou em todas as bocas, e temos razões de sobra para acreditar que o tom muito se elevou ao passar por gargantas inglesas. O salão estremeceu.

Contudo, ali se achavam, em grande número, viajantes corajosos, já velhos e fatigados, cujo temperamento irrequieto os levava a percorrer as cinco partes do mundo! Todos (uns mais, outros menos) haviam, física ou moralmente, escapado aos naufrágios, aos incêndios, às machadinhas dos índios, aos porretes dos selvagens, aos postes de suplício ou ao canibalismo na Polinésia! Mas nada podia conter as batidas do coração do *sir* Francis M... durante o discurso e, sem dúvida, não há lembrança de um sucesso oratório maior na Real Sociedade Geográfica de Londres.

No entanto, na Inglaterra, o entusiasmo não se limita às palavras. Ele entra em circulação mais rapidamente que as cédulas da Casa da Moeda de Londres. Antes de finalizar a sessão, votou-se uma ordem de pagamento em favor do doutor Fergusson que alcançou a soma de duas mil e quinhentas libras. A quantia arrecadada era proporcional à importância do empreendimento.

Um dos membros da Sociedade perguntou ao presidente se o doutor Fergusson não seria oficialmente apresentado.

– O doutor está à disposição da assembleia – respondeu *sir* Francis M...

– Pois que entre! – gritaram. – Que entre! Queremos ver com nossos próprios olhos um homem de tão extraordinária audácia!



– Talvez essa incrível proposta – resmungou um velho comodoro exaltado – tenha por finalidade única nos fazer de bobos!

– E se o doutor Fergusson nem existir? – insinuou uma voz maliciosa.

– Então, será necessário inventá-lo – retrucou um membro zombeteiro daquela renomada sociedade.

– Façam entrar o doutor Fergusson – disse simplesmente *sir* Francis M...

E o doutor entrou, em meio a uma tempestade de aplausos, sem demonstrar nenhuma emoção.

Era um homem em seus quarenta anos, de estatura e constituição normais; o rosto muito vermelho denunciava seu temperamento sanguíneo; tinha expressão fria, traços regulares e nariz comprido, em forma de quilha, típico do homem predestinado às descobertas; os olhos muito meigos, mais inteligentes que atrevidos, davam um grande encanto à sua fisionomia; os braços eram longos e os pés se firmavam no chão com a força e energia dos andarilhos traquejados.

Uma gravidade serena emanava do doutor, e nem se pensaria que ele pudesse ser instrumento de algum tipo de mistificação, ainda que das mais inocentes.

Pois bem, os vivas e os aplausos só cessaram quando o doutor Fergusson pediu silêncio com um gesto amável. Dirigiu-se para a poltrona de onde faria sua apresentação e, ainda de pé, ereto, o olhar enérgico, levantou para o céu o indicador da mão direita, abriu a boca e pronunciou uma única palavra:

– *Excelsior!*

Não! Jamais uma interpelação inesperada dos senhores Bright e Cobden, jamais um pedido de fundos extraordinários de lorde Palmerston para fortificar os rochedos da Inglaterra obtiveram tamanho sucesso. O discurso de *sir* Francis M... fora superado e em muito. O doutor se mostrava ao mesmo tempo sublime, grandioso, sóbrio e comedido. Tinha pronunciado a palavra que o momento exigia:

– *Excelsior!*

O velho comodoro, totalmente rendido àquele homem extraordinário, exigiu a inserção “integral” do discurso de Fergusson nos *Proceedings of The Royal Geographical Society of London*<sup>1</sup>.

Quem era, então, esse doutor? E a quais afazeres ele se dedicava?

O pai do jovem Fergusson, um bravo capitão da marinha inglesa, havia iniciado o filho, desde tenra idade, aos perigos e às aventuras de sua profissão. O magnânimo garoto, que aparentemente não conhecia o medo, revelou desde cedo um espírito vivo, uma inteligência de pesquisador e uma propensão notável para os trabalhos científicos; além disso, tinha habilidades incomuns para se safar de embarços; nunca teve dificuldades com nada, nem mesmo na hora de usar pela primeira vez o garfo, algo em que geralmente as crianças não se saem muito bem.

Cedo sua imaginação abriu asas ao ler sobre empreendimentos ariscados e explorações marítimas; seguia com paixão as descobertas que assimilou a primeira metade do século XIX; sonhou com a glória dos Mungo-Park, dos Bruce, dos Caillié, dos Levaillant e até, creio eu, com a de Selkirk, o Robinson Crusóé, que não lhe parecia inferior. Quantas horas atarefadas não passou com ele na ilha de Juan Fernández! Aprovava quase sempre as ideias do marinheiro abandonado; às vezes, discutia seus planos e projetos; teria feito de outra forma, melhor talvez, mas pelo menos igual! Entretanto, é certo que jamais sairia daquela ilha bem-aventurada, onde era feliz como um rei sem súditos... Não, nem mesmo para se tornar primeiro-lorde do Almirantado!

Deixo aos cuidados do leitor concluir se essas tendências se desenvolveram durante sua juventude aventureira, passada nos quatro cantos do mundo. Seu pai, homem instruído, não deixava de consolidar a inteligência brilhante do filho com estudos sérios sobre hidrografia, física e mecânica, além de um pouquinho de botânica, medicina e astronomia.

Quando da morte do digno capitão, Samuel Fergusson, com vinte e dois anos de idade, já havia dado a volta ao mundo. Alistou-se no

---

1 Boletins da Real Sociedade Geográfica de Londres. (N. O.)

Corpo dos Engenheiros de Bengala e conseguiu se distinguir em várias missões. Mas a vida de soldado não lhe convinha: avesso a mandar, era também avesso a obedecer. Pediu demissão e, ora caçando, ora herboreando, foi para o norte da península indiana, que atravessou de Calcutá a Surate, como um simples passeio de amador.

De Surate, rumou para a Austrália onde tomou parte, em 1845, da expedição do capitão Stuart, encarregado de descobrir o mar Cáspio que se supunha existir no centro da Nova Holanda.

Samuel Fergusson voltou para a Inglaterra em 1850 e, possuído como nunca pelo demônio das descobertas, acompanhou até 1853 o capitão Mac Clure na expedição que contornou o continente americano do estreito de Behring ao cabo Farewel.

Apesar das fadigas de todo gênero e sob os mais diversos climas, a constituição de Fergusson resistia maravilhosamente. Suportava bem as maiores privações; era o tipo do perfeito viajante, cujo estômago se contrai ou se dilata à vontade, cujas pernas se alongam ou se encurtam conforme o tamanho da cama improvisada, que dorme a qualquer hora do dia e acorda a qualquer hora da noite.

Portanto, não é de se espantar que encontremos nosso infatigável viajante visitando de 1855 a 1857 todo o oeste do Tibete, em companhia dos irmãos Schlagintweit, e colhendo dessa exploração dados curiosos de etnografia.

Durante essas muitas viagens, Samuel Fergusson se revelou o correspondente mais ativo e mais interessante do *Daily Telegraph*, esse jornal de apenas um tostão, cuja tiragem chega a cento e quarenta mil exemplares diários e mal consegue atender aos vários milhões de leitores. Por isso, o doutor era bem conhecido, embora não fosse membro de nenhuma instituição erudita nem das reais sociedades geográficas de Londres, Paris, Berlim, Viena ou São Petersburgo, nem do Clube dos Viajantes ou sequer da Royal Polytechnic Institution, onde seu amigo, o estatístico Kokburn, brilhava.

Um dia, esse cientista propôs a Fergusson, só para lhe ser agradável, o seguinte problema: dado o número de quilômetros percorridos pelo

doutor durante a volta do mundo, quantas vezes sua cabeça percorreu mais que os pés, considerando-se a diferença dos raios? Ou então: conhecendo-se o número de quilômetros percorridos pelos pés e pela cabeça do doutor, qual seria exatamente sua estatura?

Apesar dos influentes amigos, Fergusson se mantinha afastado das sociedades científicas, uma vez que era militante da Igreja e não falante. Achava que era melhor empregar o tempo pesquisando que discutindo, ou melhor descobrindo que discorrendo.

Conta-se que um inglês apareceu um dia em Genebra para visitar o lago; puseram-no em uma dessas velhas carruagens onde os passageiros se sentam de lado, como nos ônibus; ora, sucedeu que por acaso nosso inglês ficasse de costas para o lago; a diligência completou pacificamente sua viagem circular sem que ele se virasse uma vez sequer: voltou para Londres encantado com o lago de Genebra.

Já o doutor Fergusson se virara várias vezes durante suas viagens, e tanto que acabara vendo muita coisa. Nisso, aliás, obedecia à sua natureza; e temos boas razões para crer que era um pouco fatalista, mas de um fatalismo bastante ortodoxo, pois contava tanto com as próprias forças quanto com a Providência; dizia-se antes empurrado que atraído por suas viagens, percorrendo o mundo como uma locomotiva dirigida não por si mesma, mas pelos trilhos.

– Não sigo meu caminho – dizia com frequência –, meu caminho é que me segue.

Ninguém estranhará, portanto, o sangue-frio com que recebeu os aplausos da Real Sociedade. Estava acima de todas essas baboseiras, não tinha orgulho e muito menos vaidade; dirigiu-se em termos simples ao presidente *sir* Francis M... e nem sequer notou o efeito tremendo que produziu.

Após a sessão, o doutor foi conduzido ao Traveller's Club, em Pall Mall, onde um soberbo banquete fora preparado em sua homenagem. O tamanho das iguarias condizia com a importância do personagem: o

esturjão que abrilhantou o jantar não era muito menor que o próprio Samuel Fergusson.

Brindes numerosos foram levantados, com vinhos franceses, aos célebres viajantes que se haviam destacado em terras da África. Bebeu-se à saúde ou à memória de cada um e por ordem alfabética, o que é bem inglês: a Abbadie, Adams, Adamson, Anderson, Arnaud, Baikie, Baldwin, Barth, Batouda, Beke, Beltrame, Du Berba, Bimbachi, Bolognesi, Bolwik, Bolzoni, Bonnemain, Brisson, Browne, Bruce, Brun-Rollet, Burchell, Burckhardt, Burton, Caillaud, Caillié, Campbell, Chapman, Clapperton, Clot-Bey, Colomieu, Corval, Cumming, Cuny, Debono, Decken, Denham, Desavanchers, Dicksen, Dickson, Dochard, Duchailu, Duncan, Durand, Duroulé, Duveyrier, Erhardt, D'Escayrac, De Lauture, Ferret, Fresnel, Galinier, Galton, Geoffroy, Golberry, Hahn, Halm, Harnier, Hecquart, Heuglin, Hornemann, Houghton, Imbert, Kaufmann, Knoblecher, Krapf, Kummer, Lafargue, Laing, Lajaille, Lambert, Lamiral, Lamprière, John Lander, Richard Lander, Lefebvre, Lejean, Levallant, Livingstone, Maccarthie, Maggiar, Maizan, Malzac, Moffat, Mollien, Monteiro, Morrisson, Mungo-Park, Neimans, Overwey, Panet, Partarrieau, Pascal, Pearse, Peddie, Peney, Petherick, Poncet, Prax, Raffenel, Rath, Rebmann, Richardson, Riley, Ritchie, Rochet d'Héricourt, Rongäwi, Roscher, Ruppel, Saugnier, Speke, Steidner, Thibaud, Thompson, Thornton, Toole, Tousny, Trotter, Tuckey, Tyrwitt, Vaudey, Veyssiére, Vincent, Vinco, Vogel, Wahlberg, Warington, Washington, Werne, Wild e, enfim, ao doutor Samuel Fergusson que, por sua incrível tentativa, deveria reunir os trabalhos desses viajantes e completar a série das descobertas africanas.



## 2

*Um artigo do Daily Telegraph – Guerra de jornais científicos*  
*– O senhor Petermann apoia seu amigo, o doutor Fergusson*  
*– Resposta do cientista Koner – Apostas feitas*  
*– Diversas propostas apresentadas ao doutor*

No dia seguinte, em seu número de 15 de janeiro, o *Daily Telegraph* publicou o seguinte artigo:

*“A África vai desvendar por fim o segredo de suas vastas solidões. Um Édipo moderno nos dará a solução desse enigma que os cientistas não puderam decifrar em sessenta séculos. Outrora, buscar as nascentes do Nilo, fontes Nili quaerere, era considerada uma tentativa insana, uma quimera irrealizável.*

*O doutor Barth, seguindo até o Sudão a rota traçada por Denham e Clapperton; o doutor Livingstone, multiplicando suas intrépidas pesquisas desde o cabo da Boa Esperança até a bacia do Zambézi; os capitães Burton e Speke, abrindo três caminhos para a civilização moderna com a descoberta dos Grandes Lagos, cujo ponto de interseção, onde nenhum viajante jamais chegou, é o próprio coração da África. É para lá que devem se voltar todos os esforços.*

*Ora, os trabalhos desses corajosos pioneiros da ciência serão retomados pela arriscada tentativa do doutor Samuel Fergusson, do qual nossos leitores têm apreciado frequentemente as extraordinárias explorações.*

*Esse ousado descobridor pretende atravessar de balão a África toda, de leste a oeste. Se estamos bem informados, o ponto de partida dessa surpreendente viagem será a ilha de Zanzibar, na costa oriental. Quanto ao ponto de chegada, só Deus sabe.*

*A proposta dessa exploração científica foi apresentada ontem, oficialmente, à Real Sociedade Geográfica. Conseguiu-se uma soma de duas mil e quinhentas libras para subsidiar o empreendimento.*

*Manteremos nossos leitores a par dessa tentativa sem precedentes nos anais geográficos.”*

Como era de se esperar, o artigo teve enorme repercussão. Primeiro, insuflou as tormentas da incredulidade, e o doutor Fergusson se tornou um ser meramente quimérico, inventado pelo senhor Barnum, que, após trabalhar nos Estados Unidos, se preparava para “fazer” as Ilhas Britânicas.

Em Genebra, o número de fevereiro dos *Bulletins de la Société Géographique*<sup>2</sup> trouxe uma resposta bem-humorada, zombando com muito espírito da Real Sociedade de Londres, do Traveller’s Club e do gigantesco esturjão.

Mas o senhor Petermann, em seus *Mittheilungen*<sup>3</sup>, publicados em Gotha, reduziu ao silêncio mais absoluto o jornal de Genebra. Petermann conhecia pessoalmente o doutor Fergusson e garantiu a coragem de seu audacioso amigo.

De resto, a dúvida logo não era mais possível. Os preparativos da viagem estavam sendo feitos em Londres; as fábricas de Lyon haviam

---

2 Boletins da Sociedade Geográfica. (N. T.)

3 Informativos. (N. T.)